Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

ORALITURAS: MEMÓRIAS NEGRAS EM MOVIMENTO[1]

***ORALITURES**: BLACK MEMORIES IN MOTION*

***ORALITURAS**: MEMORIAS NEGRAS EN MOVIMIENTO*

Lucas dos Santos de Paulo[2]
Rodrigo Rabello[3]

Submetido em: 13/03/2026
Aprovado em: 25/04/2026
Publicado em: 01/07/2026

Artigo submetido ao sistema de similaridade turnitin

Resumo: A literatura escrita favorece a herança histórica de tradição europeia e marginaliza textualidades negras e indígenas. Em contraponto, o termo oralitura enaltece a cultura oral, os corpos e os saberes advindos das culturas destes povos subjugados, e representa uma forma de resistência contra o apagamento. Objetiva-se identificar gêneros performáticos que mobilizam memória e ancestralidade a partir do corpo e da voz. Ao contar com uma revisão narrativa de literatura, observa-se que o conceito de oralitura compreende alguns exemplos de manifestações performáticas de origem afro-brasileira que permitem refletir sobre a ideia de memória em movimento, como é o caso da roda de samba e do samba de roda, das rodas de capoeira, das batalhas de rima e do ofício das baianas de acarajé. Destaca-se que a oralitura constitui um caminho profícuo para explicitar a memória em movimento e para combater o

[1] Artigo ampliado a partir do texto submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXV ENANCIB.

[2] Mestre em Ciência da Informação. Universidade de Brasília. E-mail: lucasdepaulo.contato@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6451-4241.

[3] Doutor em Ciência da Informação. Universidade de Brasília. E-mail: rdgrabello@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7217-1608.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

epistemicídio e o memoricídio, e, ainda, dialoga com o "modelo emergente" da Ciência da Informação.

Palavras-Chave: memória; performance; samba de roda; roda de capoeira; ofício das baianas de acarajé.

Abstract: *Written literature favors the historical heritage of European tradition and marginalizes black and indigenous textualities. In contrast, the term oraliture highlights oral culture, the bodies, and the knowledge emerging from the cultures of these subjugated peoples, and represents a form of resistance against erasure. Based on a narrative literature review, it is observed that the concept of oraliture encompasses examples of Afro-Brazilian performative expressions that allow for reflections on the idea of memory in motion, as is the case of the Samba circle and Samba de roda, Capoeira circles, Rhyming battles and Craft of the Baianas of Acarajé. It is worth noting that oraliture constitutes a fruitful path to making memory in movement explicit and to combating epistemicide and memoricide. Furthermore, it engages with the "emerging model" of Information Science.*

Keywords: *memory; performance; samba circle; capoeira circle; craft of the baianas of acarajé.*

Resumen*: La literatura escrita favorece la herencia histórica de la tradición europea y marginal las textualidades negras e indígenas. En contraste, el término oralitura celebra la cultura oral, los cuerpos y el conocimiento derivados de las culturas de estos pueblos subyugados, y representa una forma de resistencia contra el borrado. El objetivo es identificar géneros performativos que movilizan la memoria y la ascendencia a través del cuerpo y la voz. Mediante una revisión de literatura narrativa, se observa que el concepto de oralidad abarca diversos ejemplos de manifestaciones performativas de origen afrobrasileño que permiten reflexionar sobre la idea de la memoria en movimiento, como el círculo de samba y la samba de roda, los círculos de capoeira, las batallas de rimas y la artesanía de las bahianas de acarajé. Cabe destacar que la oralitura constituye una vía fructífera para explicar la memoria en movimiento y combatir el epistemicidio y el memoricidio, y también dialoga con el "modelo emergente" de la Ciencia de la Información.*

Palabras clave*: memoria; performance; samba de roda; círculos de capoeira; artesanía de las bahianas de acarajé.*

1 INTRODUÇÃO

A escrita é reconhecida como fonte de história e conhecimento, e a partir dela organizam-se alguns recursos de resguardo de memória, como livros e bibliotecas, e, até mesmo, documentos e plataformas digitais. Além desses exemplos, museus e monumentos

também são reconhecidos como espaços de preservação de memória, e, de alguma forma, ampliam a fertilidade dos recursos memorialísticos, ainda que não passem pela percepção das letras (Martins, 2003).

Na mitologia grega, a ideia de memória tem ascendência na deusa Mnemosyne, que era conhecida como aquela que dava aos poetas o poder de voltar ao passado e guardar lembranças. O termo grego *mnemis*, que significa aquele ou aquilo que lembra, dá origem à palavra memória. Ao analisar essa etimologia, percebe-se que as possibilidades de inscrição de lembranças não se restringem ao alfabeto ou à escrita (Chauí, 2000).

A tradição europeia impulsionou o trabalho com a documentação ao desenvolver técnicas e ampliar a noção de documento como meio de preservação da *memória*, produção de *conhecimento* e exercício de *protagonismo* na comunicação científica e na promoção de uma cultura de paz (Rabello, 2025). Na América Latina, a documentação ultrapassou o meio acadêmico e tornou-se instrumento de resistência dos movimentos sociais. A documentação popular passou a registrar memórias, saberes, corpos e oralidades de sujeitos historicamente silenciados (Rabello, 2024).

Ainda assim, no Brasil, a concepção de memória favorece a herança histórica de registros textuais de tradição europeia, isto é, a literatura escrita. Desse modo, memórias e saberes de povos indígenas e africanos foram marginalizados. A oralidade, nesse sentido, assegura-se como uma forma de resistência e preservação das identidades culturais desses grupos (Martins, 2003, 2021; Sanches, 2012).

Pensando nessa conjuntura, questiona-se como construir e

guardar memória e conhecimento para além da literatura escrita? A etimologia do termo *ntanga*, de uma das línguas bantu, do Congo, que é a raiz dos verbos escrever e dançar, pode apontar um caminho para pensar a memória em movimento, que guarda e transmite conhecimentos ancorados no corpo em performance. Assim, o corpo pode ser interpretado como uma tela onde a memória se desenha (Martins, 2003; 2021).

Assume-se, nesta pesquisa, que a oralidade e os movimentos do corpo performático, assim como a escrita e o documento, têm força na produção e disseminação de conhecimento. E provoca-se o conceito de *oralitura*, em contraste com o lineamento da literatura, para enaltecer a cultura oral e pensar possibilidades de ser e fazer memória além da escrita, e grafar conhecimento além das letras e dos sinais de pontuação (Martins, 2003).

Destarte, objetiva-se identificar gêneros performáticos que mobilizam memória e ancestralidade a partir do corpo e da voz. Essa díade corpo-oralidade, entre representação e encenação, permite pensar na poética da performance que passa pelo tempo e pelo espaço, seja na rua, na igreja, no terreiro, no palco, na sala de aula (Martins, 2003; 2021).

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção, parte-se de uma revisão narrativa de literatura – compreendida como uma forma de discutir uma determinada temática, sob a perspectiva teórica e/ou contextual (Cordeiro *et al.*, 2007) – para refletir sobre a tessitura dos objetos documentais e do corpo performático. Antes de abordar diretamente esses elementos, introduzem-se conceitos de intencionalidade, com o objetivo de discutir aspectos contingentes à informação e à memória, situando-

os nas fronteiras da Documentação (Meyriat, 2016) e das Filosofias africanas (Martins, 2021). À luz dessas perspectivas, estabelece-se um contraponto às práticas de necropolítica (Mbembe, 2018), epistemicídio (Alves; Côrtes, 2022) e memoricídio (Missiatto, 2021), conduzindo, por fim, à discussão sobre *oralituras* (Martins, 2003).

2.1 Conceitos de intencionalidade

Nas tradições africanas, os corpos e os objetos são dotados de significados. A significação pode ter relação com a espiritualidade e, também, com a ancestralidade. Por este ângulo, a intencionalidade é simbólica, espiritual e ancestral. Em consonância com essa tríade, a intencionalidade é uma força expansiva que move a energia e o sagrado, a vida e a matéria (Martins, 2021).

Assim, o conceito de intencionalidade para as Filosofias africanas, em meio às danças e coreografias da temporalidade fundamentadas em Exu – orixá mensageiro, de origem iorubá (Rufino, 2019) – movimenta e penetra a corporeidade material e imaterial, o exterior e o interior de todo o universo (Santos, 2022), como uma ação que materializa-se no corpo e no espírito (Martins, 2021).

Para a Documentação, a intencionalidade é um fator que diferencia a origem do documento. O documentalista Meyriat (2016) defende que o usuário é quem faz o documento quando o produz por intenção ou quando "ativa" a sua informatividade. Desse modo, organizam-se, respectivamente, as categorias "documentos por intenção" e "documentos por atribuição" (Meyriat, 2016).

A primeira categoria se refere aos documentos que nascem com a função inerente de registrar informação – como os livros – e a

segunda aos objetos que se "transformam" em documentos pela capacidade informativa, ainda que tenham sido criados com outro propósito – como os objetos museais (Ortega; Tolentino, 2020; Paulo; Rabello, 2023).

Nas fronteiras da Documentação e das Filosofias africanas, a noção de intencionalidade passa pelo processo de produção de memória. Na primeira, a intencionalidade atribuída e/ou inerente aos documentos possibilita a preservação de informações e técnicas documentadas. Na segunda, "Exu concede vida para as memórias ancestrais, sendo a performance uma forma de corporificar a ancestralidade" (Paulo, 2024, p. 53) e combater a morte de conhecimentos afro-brasileiros.

2.2 Necropolítica, epistemicídio e memoricídio

A necropolítica é um conceito que se refere aos mecanismos políticos de controle e regulação da vida e da morte, que operam com base nas violências e consequências do colonialismo (Mbembe, 2018). Dentro da realidade brasileira, a marginalização e encarceramento do corpo negro são exemplos de necropolítica (Silva; Laurindo; Silva, 2022).

O regime de necropolítica reduz alguns corpos ao estado de "vidas descartáveis" ou "mortos vivos" (Almeida, 2021; Mbembe, 2016) e opera através do necropoder, com o apoio de armas e artifícios que limitam o direito à vida e à segurança, isto é, permitem a criação de "mundos de morte" (Mbembe, 2018). A ferramenta mais violenta do necropoder e da necropolítica é a "ocupação colonial" (Almeida, 2021; Mbembe, 2016).

A necropolítica pode se manifestar a partir do domínio da informação, que é um recurso essencial para o desenvolvimento social e resguardo de conhecimento e memória. O epistemicídio ocorre com a desqualificação ou destruição de processos informativos, conhecimentos e/ou objetos informacionais de determinados grupos subjugados (Alves; Côrtes, 2022).

O cenário científico brasileiro é fecundo para o epistemicídio negro e manifesta o racismo no meio acadêmico (Alves, 2021) ao desvalorizar a história e as identidades negras (Carneiro, 2005), e não reconhecer a capacidade intelectual de povos não-europeus (Nogueira; Duarte; Ribeiro, 2019). O epistemicídio é ladeado pelo memoricídio. A história nacional é demarcada por processos intencionais que impuseram o esquecimento às memórias e às resistências das populações negras (Missiatto, 2021).

Nesse sentido, é imperativo pensar em formas de passagem de políticas de morte, como o epistemicídio e o memoricídio, para políticas de vida. A *oralitura* pode trilhar um caminho para o reconhecimento da memória em movimento que se ancora na performance e no respeito às diversidades de saberes.

2.3 Oralitura

A dicotomia entre oralidade e escrita suscita a ideia provocativa de *oralitura* para apreciar memórias registradas no corpo e na voz. Os movimentos corporais e as modulações da voz produzem manifestações culturais performáticas intencionais e traçam, em *oralitura*, informações e memórias (Boito, 2022). A díade corpo-oralidade preserva e dissemina saberes e conhecimentos, e compreende intencionalidades que vibram sensações e sentimentos,

como dor e prazer, alegria e tristeza, e entidades como a vida e a morte (Martins, 2003; 2021; Vargas; Silveira, 2014).

No corpo desenham-se genótipos e fenótipos, traços e marcas, cicatrizes e tatuagens. Na voz entoam-se palavras, versos, rimas, cantos, sons e silêncios. O corpo e a voz constituem um portal de alteridades. A performance que passa pelo corpo e pela voz aciona, principalmente, elementos da cultura imaterial, como a dança, a música, o esporte, a culinária, os rituais, as crenças populares, e outras coisas mais. O estudo desta textualidade ressalta a inscrição da memória africana no Brasil (Martins, 2003). No corpo racializado, por exemplo, a informação inscreve-se de modo que é utilizada como prova em Comissões de Heteroidentificação para acesso às políticas de cotas raciais (Rangel; Pimenta, 2023).

A cultura material também tem o seu valor na preservação das condutas e das práxis africanas, sejam domésticas, culturais ou religiosas. No âmbito do colecionismo, a atividade de colecionar é um ato político. E considerando que os objetos possuem valores simbólicos e utilitários para a formação da identidade cultural afro-brasileira (Rosa, 2010), as coleções que incorporam essa temática permitem uma contextualização histórica (Lima; Carvalho; Almeida, 2020).

É possível aproximar a *oralitura* do "modelo emergente" da Ciência da Informação. Em contraste como o "modelo tradicional", que resume o sujeito informacional a um repositório de conteúdos ou a uma "peça" de um fluxo de informação, no "modelo emergente" o sujeito é concebido como construtor de conhecimento e memória (Wanderley; Martins, 2022), e carrega institucionalidades e heranças

culturais, sociais e políticas (Rabello, 2013), assim como a performance (Martins, 2021).

3 GÊNEROS PERFORMÁTICOS

Nesta seção apresentam-se alguns exemplos de gêneros performáticos que materializam memória em movimentos corporais e/ou cantarias. Na performance, o corpo e a voz produzem, resgatam e atualizam memórias, disputando um lugar no presente.

3.1 Roda de samba e samba de roda

As rodas de samba são reuniões descontraídas para tocar, cantar e dançar samba, que acontecem, especialmente, em locais abertos. A história do samba tem origem nas misturas e trocas culturais, com grande influência africana, e tem raiz como ritual e experiência comunitária transcendente (Graeff, 2015).

O samba tem relevância histórica, memorial, cultural e identitária para a formação da sociedade brasileira. Mas trata-se de uma manifestação cultural que pode se expressar de forma diferente nas diversas regiões do Brasil. A "roda de samba" (carioca) e o "samba de roda" (baiano), por exemplo, apresentam particularidades, embora se generalize o samba "brasileiro" como uma coisa só (Sandroni, 2010).

A "roda de samba" é o tipo de canto que adere ao modelo de canto coletivo, associado às tradições africanas e afrodiaspóricas. Já o "samba de roda" é a organização da dança, onde o formato circular não é circunstancial, mas inerente ao gênero. Neste último, os praticantes são chamados de "sambadores" e "sambadeiras", isto é, são músicos/dançarinos de samba comunitário do Recôncavo Baiano

e não "sambistas", termo utilizado em outras localidades do país (Sandroni, 2010).

Na música, concebida de memória e narrativa "viva", a palavra adquire valor com o ritmo, a marcação e a cadência. Essa combinação dá força, energia e sabedoria ao corpo que samba. A cantiga, letra-melodia-percussão, funciona como mnemônico e auxilia na estruturação da memória (Graeff, 2015).

Durante as rodas de samba, as composições musicais e as coreografias do corpo em performance se mostram como documentos indispensáveis da memória cultural. Nessa circunstância, a memória pode ser acessada de duas formas: a partir da observação/presença nas rodas de samba e através de gravação do momento. Quando acontece o registro, as narrativas "vivas" dão espaço para a fixação do conhecimento de modo que a improvisação/inovação dos movimentos se torna institucionalizada (Graeff, 2015).

3.2 Rodas de capoeira

A capoeira é uma expressão cultural e esportiva de origem afro-brasileira. É um tipo de arte marcial, dança e música que acontece em círculos, que tem relevância cultural, histórica e educacional. A história da capoeira foi preservada e transmitida, sobretudo, de forma verbal (Fontoura; Guimarães, 2002).

Os elementos da capoeira, como a ginga, as acrobacias, os floreios, os cantos e as músicas, permanecem vivos na cultura popular brasileira, e contam com contribuições daqueles que se dedicaram a essa expressão de corpo e alma. A história da capoeira é parte da história negra no Brasil (Fontoura; Guimarães, 2002).

A capoeira guarda um prisma dinâmico e dualista porque é, ao mesmo tempo: a) uma tradição afro-brasileira de resistência contra o escravismo, derivada de rituais africanos e que se moldou ao longo de processos históricos; e b) uma prática esportiva, luta, dança, música, teatro, jogo e ritual. É uma performance que une passado e presente com autenticidade e legitimidade, na interseção dos corpos e dos discursos, entre materialidade e idealidade (Zonzon, 2017).

Desse modo, a iniciação na capoeira é tanto uma experiência corporal e artística quanto um percurso de conhecimento sobre a história afro-brasileira. Na capoeira, utilizam-se instrumentos como o berimbau, o caxixi, o pandeiro, o reco-reco, o atabaque e o agogô (Fontoura; Guimarães, 2002).

3.3 Batalhas de rima

As batalhas de rima ou os duelos de mestres de cerimônias (MCs) são manifestações culturais que acontecem, principalmente, em regiões periféricas urbanas. As batalhas são realizadas em parques, praças, feiras ou centros comunitários. Em essência, as batalhas de rima são produtoras de artes que ensinam e politizam sobre a realidade concreta dos MCs (Santos, 2024).

As batalhas desafiam narrativas dominantes e contribuem para a ocupação democrática dos espaços urbanos. Além disso, elas oferecem oportunidades laborais para os MCs – e, desta forma, desviam os artistas da criminalidade –, e fomentam o empoderamento da periferia e a resistência contra a marginalização e a invisibilização de temáticas relevantes dentro da sua localidade (Santos, 2024; Sayumi, 2024).

O vencedor das batalhas ganha, além de outros prêmios, uma folhinha, isto é, um troféu simbólico que representa a vitória do duelo e que pode ser colecionado. A folhinha é um documento artístico singular que registra as particularidades da edição da batalha, podendo ser temática (Sayumi, 2024).

As batalhas de rima são valiosas pela capacidade de transformação cultural, social e política da realidade local. São espaços que valorizam personalidades negras, figuras frequentemente citadas nos versos dos MCs, e que estimulam o pensamento crítico e uma leitura atenta dos problemas concretos da região onde a batalha acontece (Santos, 2024).

3.4 Ofício das baianas de acarajé

O ofício das baianas de acarajé é reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O ofício é signo do legado africano na Bahia (Queiroz, 2017).

A baiana de acarajé é um elo entre o terreiro de candomblé e a rua. Através dela, efetiva-se a continuidade da prática do ofício, com vestes específicas e modos tradicionais de fazer, que preservam a cultura e a religiosidade afro-brasileira (Queiroz, 2017).

O acarajé é um bolinho frito no azeite de dendê, feito com feijão fradinho e servido com vatapá, caruru e camarão, e pode levar pimenta. Embora seja um símbolo baiano, o acarajé pode ser encontrado em outras cidades brasileiras (Bitter; Bitar, 2012).

No Candomblé, o acarajé é um alimentado dedicado ao culto de Xangô e Iansã. O reconhecimento do ofício como patrimônio imaterial colabora com a construção de identidade étnica e nacional,

e com o fortalecimento da cultura afro-brasileira. Em 25 de novembro, comemora-se o dia nacional da baiana de acarajé (Mendel, 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa reconhece que no corpo em performance também grafam-se enunciados intencionais e representativos, de modo que, ao retomar o problema de pesquisa – como construir e guardar memória e conhecimento para além da literatura escrita? –, é possível destacar ao menos duas possibilidades que se complementam e traduzem *oralituras*: a) cultura oral: contos, músicas, rimas, poemas etc.; e b) movimentos do corpo: dança, esporte, luta, coreografias etc.

Ao estimular reflexões sobre o corpo como um ambiente de memória, a pesquisa contribui com vertentes teóricas relativas aos conceitos de intencionalidades para a Documentação e para as Filosofias africanas, considerando (i)materialidades dos elementos documentais e corporais em performance.

Na textualidade da *oralitura*, o corpo negro, como um portal informativo e agente de significação social, que carrega traços e marcas, genótipos e fenótipos, sinais e cicatrizes, é antagônico e resiste ao epistemicídio, ao racismo e às práxis de dominação da população negra, de modo intencional.

O presente texto, por se tratar de uma pesquisa inicial, apresenta algumas limitações que poderão ser superadas em trabalhos futuros, com o aprofundamento no estudo de um gênero performático específico e/ou a inclusão de outras formas de grafar memórias em movimentos. Nessa direção, ao menos três aspectos

poderão ser, complementarmente, considerados: territorialidade, expressão e dimensão simbólico-ritualística, como exemplifica a simbologia afrodiaspórica presente em manifestações em roda (de samba, de capoeira, em batalhas de rima etc.), nos ofícios das baianas de acarajé e outras manifestações culturais (i)materiais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Necropolítica e neoliberalismo. **Caderno CRH**, [*s.l.*], v. 34, p. 1-10, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccrh/a/3prpY8vSHNZccvB67Gt7m6N/. Acesso em: 30 abr. 2025.

ALVES, Felipe Arthur Cordeiro. **A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro**: do epistemicídio à [des]colonialidade nos anais do ENANCIB. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

ALVES, Felipe Arthur Cordeiro; CÔRTES, Gisele Rocha. Epistemicídio negro na Ciência da Informação: uma discussão inicial. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., Porto Alegre, 7 a 11 de novembro de 2022. **Anais** […]. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2022.

BITTER, Daniel; BITAR, Nina Pinheiro. Comida, trabalho e patrimônio. Notas sobre o ofício das baianas de acarajé e das tacacazeiras. **Horizontes Antropológicos**, [*s.l.*], v. 18, n. 38, p. 213-236, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000200009. Acesso em: 06 mar. 2026.

BOITO, Sofia Rodrigues. O pensamento decolonial de Leda Maria Martins e sua importante contribuição para as artes da cena: resenha do livro Performance do tempo espiralar – poéticas do corpotela de Leda Maria Martins. **Revista Sala Preta**, [*s.l.*], v. 21, n. 1, 2022. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/198712. Acesso em: 30 abr. 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CORDEIRO, Alexander Magno; Oliveira, Glória, Maria de; RENTERÍA, Juan Miguel; GUIMARÃES, Carlos Alberto; GRUPO DE ESTUDO DE REVISÃO SISTEMÁTICA DO RIO DE JANEIRO. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, [*s.l.*], v. 34, n. 6, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. História da capoeira. **Revista de Educação Física**, [*s.l.*], v. 13, n. 2 p. 141-150, 2002.

GRAEFF, Nina. **Os ritmos da roda**: tradição e transformação no samba de roda. Salvador: EDUFBA, 2015.

LIMA, Graziela dos Santos; CARVALHO, Cláudia Pereira de Jesus; ALMEIDA, Carlos Cândido de. A preservação e a disseminação da história e cultura africana e afro-brasileira a partir do colecionismo nas unidades de informação no Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [*s.l.*], v. 13, n. 1, p. 223-238, 2020. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/29498. Acesso em: 30 abr. 2025.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. **Língua e Literatura**: limites e fronteiras, [*s.l.*], n. 26, p. 63-81, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.5902/2176148511881. Acesso em: 30 abr. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo tela. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. **Revista Memória em Rede**, [*s.l.*], v. 13, n. 24, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/20210. Acesso em: 30 abr. 2025.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte e Ensaios**, [*s.l.*], n. 32, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.60001/ae.n32.p122%20-%20151. Acesso em: 30 abr. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENDEL, Debora Simões de Souza. O Ofício das Baianas de Acarajé: narrativas sobre o modo de saber fazer. **Patrimônio e Memória**, [*s.l.*], v. 15, n. 1, p. 495-512, 2019. Disponível em: https://seer.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/3264/2574. Acesso em: 06 mar. 2026.

MEYRIAT, Jean. Documento, documentação, documentologia. Tradução de: Camila Mariana A. da Silva; Marcílio de Brito; Cristina Dotta Ortega. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 240-253, 2016.

ORTEGA, Cristina Dotta; TOLENTINO, Vinicius de Souza. O livro: do objeto ao documento na prática bibliográfica. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 25, p. 1-22, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/73474. Acesso em: 05 mar. 2026.

PAULO, Lucas dos Santos de. **O Acervo da Vergonha**: atos e intencionalidades na Fundação Cultural Palmares. 2024. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação (FCI), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, 2024.

PAULO, Lucas dos Santos de; RABELLO, Rodrigo. Livro, documento e intencionalidades: visualização temática em periódicos brasileiros em Ciência da Informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [*s.l.*], v.21, e023030, 2023. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8674821/33254. Acesso em: 05 mar. 2026.

QUEIROZ, Hermano Fabrício Oliveira Guanais e. Acarajé tem axé: a desafiadora Salvaguarda do Ofício de Baiana no campo do Patrimônio Cultural Imaterial. **Revista Relicário**, [*s.l.*], v. 4, n. 7, 2017. Disponível em: https://museudeartesacrauberlandia.com.br/index.php/relicario/article/view/52/45. Acesso em: 06 mar. 2026.

RABELLO, Rodrigo. Noções de sujeito em modelos teóricos na ciência da informação: do enfoque no sistema à consideração da agência em contexto. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 23, n. 3, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufpb

.br/ojs2/index.php/ies/article/view/15144. Acesso em: 30 abr. 2025.

RABELLO, Rodrigo. Quando memória material e documentação popular importam: esquadrão da morte na ditadura, testemunho de uma igreja na redemocratização do Brasil e intentonas golpistas. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 29, p. 1-47, 2024.

RABELLO, Rodrigo. Documentação popular: proposição de um conceito. **AtoZ**: Novas práticas em Informação e Conhecimento, [*s.l.*], v. 14, n. 2, 2025. No prelo. Disponível em: http://eprints.rclis.org/46970/. Acesso em: 8 ago. 2025.

RANGEL, Kíssila da Silva; PIMENTA, Ricardo Medeiros. O corpo racializado e a materialidade da informação: caminhos para compreender a dimensão info-documentária da heteroidentificação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., Aracaju, 06 a 10 de novembro de 2023. **Anais** […]. Aracaju: ANCIB, 2023.

ROSA, Estefania Jaékel da. Identidade afro-brasileira: um diálogo entre memória e cultura material. **Revista Memória em Rede**, [*s.l.*], v. 2, n. 3, p. 59-71, 2010.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas: Exu como Educação. **Revista Exitus**, [*s.l.*], v. 9, n. 4, p. 262-289, 2019.

SANCHES, Stella. Patrimônio imaterial e diversidade: a transculturalidade dentro do território criativo de Bauru. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS E COMUNICAÇÃO, 14., Salvador, 22 a 24 de outubro de 2014. **Anais** [...]. Bahia: ALARP, 2014.

SANDRONI, Carlos. Samba de roda, patrimônio imaterial da humanidade. **Estudos Avançados**, [*s.l.*], v. 24, n. 69, 2010.

SANTOS, Ademir Barros. Educação africana: possibilidades pedagógicas. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, [*s.l.*], n. 26, 2022.

SANTOS, Maurício Rossini dos. Rodas de rima e a batalha pelo direito à cidade: a Batalha da Estação. **Pixo**, v. 8, n. 28, 2024.

SAYUMI, Clarissa. Conheça as maiores batalhas de rima do Brasil. **Nova Brasil**, 2024. Disponível em: https://novabrasilfm.com.

br/arte-e-cultura/brasilidade/conheca-as-maiores-batalhas-de-rima-do-brasil. Acesso em: 30 abr. 2025.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; LAURINDO, Kariane Regina; SILVA, Rubens Alves. Racismo na literatura científica em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., Porto Alegre, 7 a 11 de novembro de 2022. **Anais** […]. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2022.

VARGAS, Débora Jael; SILVEIRA, Regina da Costa da. O insólito na literatura e a cosmovisão africana. **Letras & Letras**, [*s.l.*], v. 30, n. 1, 2014.

WANDERLEY, Ana Isabel Ferreira; MARTINS, Gracy Kelli. Da redução à pluralidade: reflexões sobre a descolonização do domínio da indumentária. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., Porto Alegre, 7 a 11 de novembro de 2022. **Anais** […]. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2022.

ZONZON, Christine Nicole. **Nas rodas de capoeira e na vida**: corpo, experiência e tradição. Salvador: EDUFBA, 2017.

LICENÇA DE USO
Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

PUBLISHER
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EQUIPE EDITORIAL
Martha Suzana Cabral Nunes, Maria Cleide Rodrigues Bernardino, Franciéle Carneiro Garcês da Silva.

COMO CITAR
PAULO, Lucas dos Santos de; RABELLO, Rodrigo. Oralituras: memórias negras em movimento. Oralituras: memórias negras em movimento. **Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**, São Paulo, v. 19, n. esp., p. 1-18, jan./jun. 2026.